

FICHA TÉCNICA

www.manuscrito.pt
facebook.com/manuscritoeditora

© 2015

Direitos reservados para Letras & Diálogos,
uma empresa Editorial Presença,
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Título: *Puxar a Brasa à Nossa Sardinha*

Autora: *Andreia Vale*

Copyright © Andreia Vale, 2015

Copyright © Letras & Diálogos, 2015

Capa: *Sofia Ramos/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo – Artes Gráficas, Lda.*

ISBN: 978-989-8818-08-9

Depósito legal n.º 394 667/15

1.ª edição, Lisboa, Julho, 2015

A autora escreve de acordo com a antiga ortografia.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	17
1. AS PORTUGUESÍSSIMAS	21
Puxar a brasa à sardinha	22
Resvés Campo de Ourique	24
Meter o Rossio na Rua da Betesga	24
Obras de Santa Engrácia	25
Cair o Carmo e a Trindade	27
Sepultar os mortos e cuidar dos vivos ou soterrar os mortos e pensar dos feridos	28
Azar dos Távoras	29
Nem disse água vai nem água vem	30
Vai bugiar!	30
Vai chatear o Camões	31
É pior a emenda que o soneto	32
Brigada do reumático	32
Esperteza saloia	33
Trabalhar como um mouro ou ser um mouro de trabalho	35
Noiva de Arraiolos	36
Passar as passinhas do Algarve	36
Anda mouro na costa	37
Amigo de Peniche	37
Ficar a ver navios	39
Maria vai com as outras	40

No tempo dos Afonsinhos	40
Mais velho que a Sé de Braga	41
Ver Braga por um canudo	41
Arraia-miúda	42
Uma lança em África	42
Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades	43
Dobrar o cabo das Tormentas	44
As moscas mudam mas a merda é a mesma	44
2. PASSE A PUBLICIDADE	47
Primeiro estranha-se, depois entranha-se	48
Há mar e mar, há ir e voltar	48
Aquela máquina	50
Carregada como o Preto da Casa Africana	51
O que é nacional é bom	51
Trigo limpo farinha Amparo	52
O algodão não engana	52
Mudasti	53
Tou xim? Ah, um momento... É para mim!	54
Cara de bebé Nestlé	55
Boneco Michelin	55
Blá-blá <i>Whiskas</i> saquetas	57
O cliente tem sempre razão	57
Vá para fora cá dentro	59
3. O QUE É O ALMOÇO?	61
Favas contadas	62
Até vir a mulher da fava-rica	62
Calhou-me a fava	63
Conhecer de ginjeira	65
Ao preço da uva-mijona	65
De partir o coco a rir	66
Feito ao bife	67
Em banho-maria	67
Farinha do mesmo saco	68
Ovo de Colombo	68

Sopinha de massa	69
Chá, café ou laranjada?	69
<i>Coffee, tea, me?</i>	70
4. A MÃE NATUREZA	73
Separar as águas	74
Chover a cântaros	74
Nem que chovam canivetes/picaretas	75
Balde de água fria	75
Quebrar o gelo	76
Calor de ananases	77
Tapar o sol com a peneira	78
Navegar à vista	78
5. EXPRESSÕES DE SETE E QUINHENTOS	79
Abrir os cordões à bolsa	80
Ter para os alfinetes	80
Cara ou coroa	81
Tempo é dinheiro	81
6. EXPRESSÕES PARA TODAS AS PARTES DO CORPO	83
A par e passo	84
Não ter pés nem cabeça	84
Passar a mão pela cabeça	85
Com a corda na garganta	85
Custar os olhos da cara	86
Atirar areia para os olhos	86
Ir para o olho da rua	87
Queimar as pestanas	87
Apanhado com a boca na botija	87
Não ter papas na língua	88
Trinta e um de boca	88
Beijinho à esquimó	89
Ter ouvidos de tísico	90
Surdo como uma porta	91
As paredes têm ouvidos	91

Ouvidos de mercador	92
Emprenhar pelos ouvidos	92
Levar um puxão de orelhas	93
Dar água pela barba	93
Pôr as barbas de molho	93
Com unhas e dentes	94
Unhas de fome	95
Dar a mão à palmatória	95
Dar de mão beijada	95
De mãos a abanar	96
Dar o braço a torcer	96
Dor de cotovelo	96
Falar pelos cotovelos	97
Com o rei na barriga	97
Jogo de cintura	98
Meter o rabo entre as pernas	98
Em cima do joelho	98
Entrar com o pé direito	99
Pé na tábua	99
Calcanhar de Aquiles	99
Saúde de ferro	100
Pau de virar tripas	100
Ossos do ofício	100
(Atchim!!!) Saúde! Santinho! Deus o abençoe!	101
Sangria desatada	102
Dar-lhe um <i>amok</i>	103
7. É O FUNGAGÁ DA BICHARADA	105
Não poder com uma gata pelo rabo	106
Gatos-pingados	106
Gato-sapato	106
Gato por lebre	107
Fazer uma vaquinha	108
Voltar à vaca fria	108
Mão de vaca	109
Nem que a vaca tussa	110

Tempo das vacas magras	110
Pensar na morte da bezerra	111
Tirar o cavalinho da chuva	111
Dose de cavalo	112
Cor de burro quando foge	112
Estar frio para burro	113
Dar com os burros na água	113
A pensar morreu um burro	114
A porca torce o rabo	115
Dar ou deitar pérolas a porcos	116
Bode expiatório	116
Questões de lana caprina	116
Ovelha negra	117
Ovelha ronhosa	117
Cair na boca do lobo	118
Carapau de corrida	118
Como sardinha em lata	119
Arrotar postas de pescada	119
Para quem é, bacalhau basta	120
Ficar em águas de bacalhau	120
Olha o passarinho	121
Ver passarinho verde	121
Arrastar a asa	121
Trazer água no bico	122
Cair que nem tordos	122
Ter macaquinhos no sótão	122
Cada macaco no seu galho	123
Elefante branco	123
Memória de elefante	124
Lágrimas de crocodilo	125
Engolir sapos	125
Dizer cobras e lagartos	125
Banha da cobra	126
A montanha pariu um rato	128
Com a pulga atrás da orelha	128
Amigo da onça	129

Bicho de sete cabeças	129
Olhos de lince	130
Sangue de barata	130
Dar trela	131
Não ser flor que se cheire	131
Mal e porcamente	131
Bicho-carpinteiro	132
8. DEUS E O DIABO NAS BOCAS DE TODOS NÓS	133
Andar ao deus-dará	134
Dá Deus nozes a quem não tem dentes	134
Deus te pague	135
Para os quintos dos infernos	136
Fazer o diabo a quatro	137
Comer o pão que o Diabo amassou	137
Advogado do diabo	137
Esticar o pernil	138
Bater a cacholeta	139
Bater as botas	139
Ficar a fazer tijolo	139
Comer alfaces pela raiz	140
Discutir o sexo dos anjos	140
Do arco-da-velha	141
Paciência de Jó	141
Onde Judas perdeu as botas	142
Lavo daí as minhas mãos	143
Andar com o credo na boca	143
Jurar a pés juntos	143
Bom samaritano	144
Tirar o pai da força	144
Dar o nó	146
Lua-de-mel	147
Cruz-credo	148
Afasta de mim esse cálice	149
Aquele que nunca pecou que atire a primeira pedra	149

9. UM ARCO-ÍRIS DE EXPRESSÕES	151
Deixar preto no branco	152
Sorriso amarelo	152
Verde de inveja	153
Pintar tudo de cor-de-rosa e ter sonhos cor-de-rosa	154
Ouro sobre azul	155
10. EXPRESSÕES QUE VÊM DE FORA	157
OK	158
Vira-casacas	161
Correr ceca e meca	161
De se tirar o chapéu	162
Ser cheio de salamaleques	162
Ver-se grego	163
Agradar a gregos e a troianos	163
Cavalo de Tróia	164
Odisseia	164
Todos os caminhos vão dar a Roma	164
Em Roma, sê romano	165
Também tu, Brutus?	165
Erro crasso	166
Negócio da China	167
Santo do pau oco	167
Eles que são brancos, que se entendam	168
Forró e forrobodó	168
República das bananas	169
Em fila indiana	169
Casa da mãe Joana	170
Ir ou mandar para o maneta	170
Sair à francesa	170
À grande e à francesa	171
Verdade de La Palice	171
Foi assim que Napoleão perdeu a guerra	172
Dia D e hora H	173
Para inglês ver	174
Pontualidade britânica	174

Salvo pelo gongo	175
Do tempo da Maria Cachucha	176
11. VOU CONTAR ATÉ TRÊS	177
Um é pouco, dois é bom, três é demais	178
Chapa quatro	178
Estar nas sete quintas	179
Fechado a sete chaves	179
Oito ou oitenta	180
Ser cheio de nove horas	180
Fazer trinta por uma linha	180
São outros quinhentos	181
12. O COMANDO É MEU	183
Só me apetece é ganhar	184
Isso agora não interessa nada	185
Você é o elo mais fraco	185
Ah e tal... eles falam falam e não dizem nada	186
Navegar na maionese	187
Deite, que lhe vou usar	188
Posso penetrar? Penetra, professor!	189
Tou certo ou tou errado?	190
Rebúbú, pardais ao ninho	190
Pomada	191
Vamos lá cambada	191
O verdadeiro artista	192
A língua portuguesa é muito traiçoeira	192
Eu é mais bolos	192
Não havia necessidade	193
Eu é que sou o presidente da junta	193
Resmas e paletes de gajas	194
Onde é que estavas no 25 de Abril?	194
Despeço-me com amizade	195
E esta, hein?	196
Não negue à partida uma ciência que não conhece	196

Firme e hirto como uma barra de ferro	197
Quinze minutos de fama	197
13. PROGNÓSTICOS SÓ NO FIM DO JOGO	199
Ripa na rapaqueca	200
Aguenta, coração!	201
É disto que o meu povo gosta!	201
Qué qué isso, ó meu?!	201
Chuta para canto	202
Troca de galhardetes	202
Muita forte, fortíssimos	202
Com tranquilidade	203
E o burro sou eu?	204
De manhã só é bom é na caminha	204
14. POLITICAMENTE (IN)CORRECTO	207
<i>Alea jacta est</i> (os dados estão lançados)	208
Sangue, suor e lágrimas	208
Sei muito bem o que quero e para onde vou	209
Nunca me engano e raramente tenho dúvidas	209
É fazer a conta	211
Aguenta, aguenta	212
<i>Annus horribilis</i>	212
<i>Je suis Charlie</i>	213
<i>Yes, we can</i>	214
E PARA TERMINAR...	
Plantar uma árvore, ter um filho e escrever um livro	216
AGRADECIMENTOS	217
BIBLIOGRAFIA	219

INTRODUÇÃO



PUXAR A BRASA À NOSSA SARDINHA, PASSE A EXPRESSÃO...

As palavras de que eu mais gosto de dizer no meu dia-a-dia? Sem dúvida, as que me saem da boca sem pensar. São as chamadas expressões idiomáticas ou expressões populares. De acordo com o *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* trata-se de uma: «frase ou expressão que funciona como um todo e que normalmente não pode ser entendida de forma literal».

As expressões idiomáticas são expressões que usamos no nosso dia-a-dia, sem dar conta. Nunca pensaram nisso? Garanto-vos que assim é. Não precisamos de fazer grande esforço para nos lembrarmos delas. É quase como se escorregassem do nosso cérebro e saíssem da nossa boca para fora, sem pedir licença. E, na maioria das vezes, não fazemos a mínima ideia do significado ou da origem histórica dessas mesmas expressões.

Quem as disse pela primeira vez? Porque começaram a ser usadas? Como sobreviveram até aos nossos dias...? No fundo, afinal porque é que se diz **assim e não assado** (aqui vamos nós, eu avisei...).

A razão de ser deste livro é precisamente a minha verdadeira obsessão por frases feitas. Quem me conhece sabe que não há conversa que tenha em que não solte umas quantas destas expressões. Nos jantares de amigos, a conversa anda sempre à volta de uma expressão nova ou das histórias que fui descobrindo, por pura curiosidade, acerca desta ou daquela expressão. Os meus amigos já sabem que não me podem **dar trela** porque eu **falo pelos cotovelos!**

Há livros e páginas na Internet com milhares de referências e devidas explicações. Reuni-las é como **um poço sem fundo!** Devo confessar que me **deu água pelas barbas** (duas de seguida, já está!). Estamos sempre a ouvi-las, mas também as lemos em títulos de notícias, artigos de opinião, editoriais e por aí fora... Conhecemos bem as expressões em português de Portugal e, mesmo com um oceano a separar-nos, já adoptámos muitas do português do Brasil.

As expressões idiomáticas são do idioma, por isso são do povo, democráticas. Não olham a raça, etnia, filiação, grau de escolaridade, classe ou extracto bancário. Podem ser mais ou menos usadas e conhecidas, consoante a zona do país ou a idade de quem as diz, mas são de todos e estão sempre prontas, **à mão de semear** (lá está!). São uma herança que passa de geração para geração. Claro que muitas se perderam pelo caminho. Ficaram por aí... **ao deus-dará** (e vão sete!). Mas centenas delas continuam a fazer parte da nossa oralidade e identidade, e são quase impossíveis de traduzir. A propósito, experimentem explicar a um inglês ou a um chinês o que é ter **esperteza saloia** ou **passar as passinhas do Algarve**. Boa sorte!

Usamo-las numa discussão, numa conversa de elevador, à mesa do café, com a família, simplesmente porque nos vêm à cabeça. Usamo-las porque podem substituir uma frase mais complexa, uma conversa mais demorada, um raciocínio mais elaborado ou eloquente. Às vezes até para despachar alguém ou rematar um argumento. É **remédio santo**. (Viram como funciona?)

Usamo-las para **tudo e mais um par de botas** (e não dá para parar...). Servem de desbloqueadores de conversa, para impressionar alguém... ou simplesmente como obsessão. Eu até lhe chamava curiosidade, mas sei por experiência própria que é mais do que isso. É aquela sensação boa de se descobrir porque é que se diz **resvés Campo de Ourique**

— quando lá morei — e pensar «ah, que curioso». E ficar um bocadinho mais rica. E mais ou menos preocupada, porque, confesso, sou obcecada com tremores de terra. Queriam que explicasse já a origem da expressão? **Nicles, batatóides** (ups, mais uma), têm de ler o resto do livro.

Com este livro, gostava de dar a conhecer a origem destas expressões que fazem parte do património linguístico e cultural de todos nós. Não quero apenas explicar o significado das expressões, mas sim perceber de onde elas vêm. Haverá muitas que se perderam no tempo, as que são óbvias, outras que nos deixarão de boca aberta, algumas a coçar a cabeça e ainda as «esta eu já sabia!». Há expressões difíceis de confirmar a 100%, mas cuja origem que lhe é atribuída as legítima.

Vou começar por **puxar a brasa à nossa sardinha** e apresentar-vos as «portuguesíssimas». Vamos a isto?



AS PORTUGUESÍSSIMAS

São às centenas, milhares talvez. Porque há as que têm origem no Norte, no Sul, no litoral, no interior e nas ilhas. Há expressões regionais, locais, de uma determinada classe ou actividade.

Ligadas à nossa história, à nossa cultura, aos nossos hábitos. A riqueza do vocabulário impede-nos de, neste livro, falar de todas. Mas há algumas que se destacam mais que outras e que andam na boca de todos nós.



PUXAR A BRASA À SARDINHA

A sardinha assada na brasa é um prato que cheira e sabe a Verão, a festas dos santos populares. A imagem de uma sardinha, gorda, acabada de assar, a escorrer gordura para cima do pão, faz parte do imaginário de qualquer português. Diz-se que só é boa nos meses que não têm «f», portanto de Maio a Agosto. Quase tanto como o galo de Barcelos, é um símbolo nacional e para isso também tem ajudado muito o concurso de imagens de sardinhas das Festas de Lisboa e a iniciativa da centenária Fábrica Bordallo Pinheiro, que relançou a sardinha como imagem de marca nacional através de uma colecção destes peixes em faiança artesanal, desenhados por artistas.

Para além de alimentar muitos portugueses, a sardinha alimenta também uma expressão muito popular, que dá título a este livro: **puxar a brasa à sardinha**. Significa que defendemos os nossos interesses (pessoais, colectivos ou nacionais), que tiramos vantagem com proveito próprio ou enalteçemos uma acção, um gesto.

O filólogo e linguista brasileiro Antenor Nascentes explica que a expressão existe em espanhol («arrimar el ascua a su sardina») e cita uma explicação atribuída ao lexicólogo espanhol Francisco Rodríguez Marín. Em *Más de 21.000 Refranes Castellanos*, é referido que a origem da expressão é antiga (mas não especificada) e é atribuída às sardinhas que os trabalhadores nos cortiços (pequenas casas habitadas por muitas pessoas) comiam. Para assarem essas sardinhas, recorriam às brasas dos candeeiros que serviam de iluminação doméstica. Retirar (puxar) as brasas para assar as sardinhas apagava essas fontes de luz nas casas.

Desde os primeiros tempos da monarquia portuguesa que há registos e referências à pesca da sardinha e de como este peixe fazia parte da alimentação da população pobre de Lisboa, mais do que a comida fresca, salgada ou defumada.

Em *A Ribeira de Lisboa*, Júlio Castilho descreve o que diz serem os lugares de frigideiro. Uns poisos ambulantes onde, à hora das refeições,

se «estão frigindo e assando sardinhas». Lugares «de muita utilidade ao povo, que nele acha preparados almoço, jantar e ceia, por pouco dinheiro». Consiglieri e Abel revelam ainda em *Oh! Sardinha Linda* que um livro do início do século XIX (*Voyage en Portugal fait depuis 1797 jusqu'en 1799*) descreve assim a Lisboa desses tempos: «Os mendigos costumam assar as sardinhas na rua, servindo-se de alguns pedaços de carvão que acendem, obtida prévia licença, no lume de que certos artistas se servem para os seus ofícios.» É de imaginar que também aqui cada um tentava puxar a brasa à sua sardinha.

De acção passou a expressão: o prato popularizou-se e a expressão também.

Assar sardinhas não é uma ciência oculta, mas há truques e regras a cumprir.

É preciso salgar as sardinhas meia hora antes de as pôr a assar e, pela mesma altura, pôr o carvão a queimar. As brasas devem ficar no ponto certo, sem chama à vista. Disponha depois as sardinhas na grelha, agarrando-as pelo rabo e pousando-as primeiro pela cabeça e só depois o resto do corpo, com as barrigas viradas para si, como se estivesse a dar uma pincelada da esquerda para a direita.

Estar de serviço ao grelhador pode ser uma tarefa muito ingrata, embora a sardinha não precise de mais do que cinco minutos para ficar no ponto. O único inconveniente é o calor abrasador, o cheiro que fica na roupa, o fumo que incomoda, as fagulhas e os dedos chamuscados, quando não temos a ferramenta certa.

Eu cá dispenso as batatas e os pimentos, porque para mim a sardinha assada só é boa comida em cima de uma fatia de pão caseiro, acompanhada por uma salada de tomate à montanheira bem fresca. Mas isso sou eu, que gosto de puxar a brasa à minha sardinha. Bom apetite!

Como toda a gente sabe, sardinhada é sinónimo de festas de santos populares, como a do Santo António em Lisboa. Passemos então às expressões nascidas e criadas na capital, mas que cedo migraram para outras regiões.

RESVÉS (CAMPO DE OURIQUE)

Que expressão usa quando quer dizer que estacionou o carro mesmo à tangente? Ou que entregou um trabalho mesmo, mesmo à justa, em cima do prazo? Ou quando alguma coisa nos corre bem, mas foi por um triz? Claro está, foi mesmo, mesmo **resvés Campo de Ourique**. Mas saberemos o que quer dizer?

Para esta expressão, há mais do que uma explicação. A mais conhecida encontra justificação no terramoto de Lisboa, a 1 de Novembro de 1755. Naquela manhã, o terrível sismo que abalou a capital provocou um maremoto de tal dimensão que terá chegado perto de Campo de Ourique, mas aquela zona da cidade escapou intacta, mesmo à tangente... É a versão mais romântica, diria eu — e a de que mais gosto.

Mas uma outra teoria diz que, na Lisboa oitocentista, os limites da cidade se assinalavam dentro deste bairro, na Rua Maria Pia. Tudo o que ficasse fora do vale de Alcântara era já «fora de portas». Campo de Ourique, com excepção do Casal Ventoso, ficava em Lisboa, sim, mas apenas resvés, ou seja, à justa.

METER O ROSSIO NA RUA DA BETESGA

E sempre que tentamos enfiar roupa para uma viagem de cinco dias, numa mala de tamanho «vou voar numa companhia *low cost* e fazer tetris para enfiar a bagagem de mão na cabina», estamos ou não estamos a tentar **meter o Rossio na Rua da Betesga**?

Ora, não havendo metro em Campo de Ourique, a melhor forma de chegar à Baixa de Lisboa é no 28, o clássico eléctrico que liga os Prazeres ao Martim Moniz. Provavelmente vai dividir a viagem com mais turistas do que com autóctones e esqueça um lugar sentado, a menos que esteja grávida, tenha mais de 90 anos, uma perna engessada ou esteja claramente a desfalecer.

Depois de muitas curvas apertadas e solavancos que nos deixam a coluna fora do sítio, é sair na paragem da Rua da Conceição e subir até à Praça D. Pedro IV, mais conhecida por Rossio. Aí pode perceber com

os próprios olhos o significado da expressão de que falamos. Ou seja, tentar fazer caber uma coisa grande num espaço pequeno.

A Rua da Betesga é uma rua estreita que liga, na parte sul, a Praça do Rossio à Praça da Figueira. Aberta ao trânsito, tem duas faixas de rodagem, ambas no mesmo sentido, e apenas sobra espaço para os estreitos passeios destinados aos peões. Ora, meter uma praça grandiosa como o Rossio, com o Teatro D. Maria II, a estátua de D. Pedro IV, duas fontes, o Café Nicola e a Pastelaria Suíça (só a título de exemplo), numa nesga como a Betesga seria, claro, impossível. A título pessoal, saibam que passar pela Betesga, da Figueira para o Rossio, é um momento marcante para quem faz a corrida de São Silvestre de Lisboa. Ali algures depois da curva da Rua da Prata, achamos que estamos quase a chegar à meta — que está nos Restauradores —, mas depois percebemos que ainda temos de subir ao Marquês de Pombal e voltar para trás...

OBRAS DE SANTA ENGRÁCIA

Já que estamos entre o Rossio e a Praça da Figueira, podemos subir ao Campo de Santa Clara (pode apanhar outra vez o 28, fica lá perto) para perceber de onde vem a expressão que entretanto perdeu a sua razão de ser, por assim dizer (e já vamos perceber porquê).

As **obras de Santa Engrácia** referem-se a algo que demora muito tempo a acabar, que avança lentamente ou que nunca termina. Como a Sagrada Família — templo católico em Barcelona desenhado pelo arquitecto catalão Antoni Gaudí, que morreu sem a terminar — mas em versão lisboeta.

A história do templo de Santa Engrácia, perto do Campo de Santa Clara — mais conhecido hoje em dia como o Panteão Nacional —, começa no século XVI, com a infanta D. Maria. Filha do rei D. Manuel e da sua terceira esposa, D. Leonor, chegou a ser a mulher mais rica de Portugal no seu tempo. A sua instrução e virtudes ganharam fama, teve muitos pretendentes, mas morreu solteira, sem deixar filhos. Dedicou a vida à Igreja, fundou vários conventos e, entre as várias obras que patrocinou, estava a Igreja de Santa Engrácia, que mandou construir em 1568.

O problema foi que se seguiram 300 anos de peripécias... Uma tempestade praticamente destruiu o edifício em 1681 e, nos séculos seguintes, houve várias alterações de planos. Desde falta de dinheiro à falta de interesse ou de mão-de-obra, houve tudo e mais um par de botas para justificar a demora nas obras...

Ainda inacabada, a Igreja de Santa Engrácia passou a ter estatuto de monumento nacional em 1910, e em 1916 tornou-se o Panteão Nacional. A obra só se completou por ordem de Salazar, quase 300 anos depois, em 1966!

Só isto justifica a expressão, mas existe uma outra versão, mais romântica. No primeiro mês do ano de 1630, um cristão-novo de nome Simão Pires Solis é acusado de profanar o templo e de roubar as hóstias do relicário da capela-mor. Reza a lenda que o homem tinha sido visto a rondar a igreja na noite do assalto, montado num cavalo que tinha os cascos embrulhados em panos, para que não fizessem barulho. Simão Solis jura inocência, mas acaba por ser queimado vivo no Campo de Santa Clara. Na hora da morte, lança uma maldição à igreja ainda em construção, clamando: «É tão certo morrer inocente como as obras nunca mais acabarem.»

Mais tarde, descobriu-se a verdadeira razão da presença de Solis perto da igreja naquela noite (adoro uma boa história romântica...): então não é que o rapaz afinal apenas esperava por Violante, filha de um fidalgo e noviça no Convento de Santa Clara? Apaixonados, teriam fugido... se Solis não tivesse acabado na fogueira.

Não viveram felizes para sempre, mas as obras de Santa Engrácia, embora tenham tardado, lá chegaram ao fim. A expressão perdeu o significado original mas não a origem, que se mantém no imaginário e na linguagem do dia-a-dia.

Para tornar o enredo ainda mais trágico, acrescenta-se uma testemunha, o poeta Gabriel Pereira de Castro, que, tomado de amores pela mesma jovem e despeitado por ser, basicamente, posto de fora da jogada por Solis, tratou de contribuir e muito para a condenação do inocente. O verdadeiro criminoso foi apanhado alguns anos mais tarde, em Castela, e confessou o roubo.

Mas da maldição é que as obras de Santa Engrácia quase não se livravam...